

## O CONTRASENSO DO VIRUS

Aureo Guilherme Mendonça

[aureo.guilhermemendonca48@gmail.com](mailto:aureo.guilhermemendonca48@gmail.com)

<http://lattes.cnpq.br/2172598678026175>

### RESUMO

Virus é um conceito que nos provoca sensações díspares: irrupção incontrolável de doenças nem sempre previsíveis, epidemias assustadoras ou pandemias devastadoras como essa atual do coronavírus. Também pensamos nas ações virulentas no universo digital, vírus que se instalam em nossas máquinas e provocam um apagamento de nossos arquivos com resultados catastróficos se não tivermos feito um back up prévio de nossos documentos. Por outro lado, o vírus tem um efeito para além de suas sombras: nos fazer pensar fora de nossas caixas usuais. Sermos capazes de pensar acima de nossas bordas limitantes. Ouvir novos ruídos e enxergar paisagens inusitadas. Este artigo é um ensaio que vai percorrer essas veredas em busca de uma reflexão sobre o mundo a partir da abertura de novas janelas.

**Palavras-chave:** Virus; Comunidade; Reflexão.

*Como diz Freud, “os impulsos primitivos, selvagens e cruéis da humanidade não desapareceram”; continuaram a existir em “estado reprimido”, à espera de “oportunidades que lhes permitam exibir sua atividade”.*

Pankaj Mishra

Muito já foi dito sobre as epidemias que se alastraram muito rapidamente deixando um rastro de destruição e mortes, muitas vezes, em número muito maior do que guerras consideradas muito sangrentas. Virus microscópicos podem ser mais poderosos e mortais do que possa ter sonhado toda a imaginação tecnológica da humanidade. Um grito estrondoso saído do centro da Terra, como se a natureza estivesse pleiteando sua soberania sobre um planeta que há muito tempo exhibe uma chancela antropocêntrica? Ou o nosso grande avanço tecnológico não foi tão grande assim e a ciência contemporânea ainda fica à mercê de uma natureza que demora em dar as respostas salvadoras? Ficar da janela olhando o mundo se desfazendo não vai nos trazer as respostas necessárias para atender os impasses políticos e científicos deste momento, mas pode ser um instante propício para refletirmos sobre o furacão que estamos enfrentando.

Em quase todos os debates uma questão está se tornando bem consensual: em um momento de isolamento forçado: a ação da rede digital tem corroborado, como nunca antes, o seu caráter de interligação desse planeta. Quando pensamos nas pandemias do passado esse traço se transforma em um dos principais diferenciadores no percurso histórico. Em primeiro, por conta da capacidade extraordinária da circulação das informações, ficamos sabendo das notícias em tempo real. Conversamos com parentes e amigos que moram em outros países, podendo confirmar assim o teor das reportagens que recebemos. Reparem, que as fake News nunca foram tão rapidamente denunciadas como nesse momento. Ouso dizer que o fortalecimento da rede digital nesse momento de crise pandêmica parece ter recuperado o desejo de reconstituir o conceito puído de verdade. É claro que isso tem se constituído em um óbice para os desejos expansionistas de políticos ao redor do mundo que só conseguem se garantir no poder a partir de estratégias que se sustentam em mentiras forjadas e que tem como télos desacreditar os discursos dos que defendem a democracia plena como forma justa de governo. .

Uma segunda questão, que ficou bem evidenciada nesta crise, foi os péssimos resultados da comunidade científica com relação ao trato com esse novo vírus, como desdobramento do descaso desses governos com relação à produção da ciência. Em um momento de crise a sociedade apela desesperadamente para a ciência, implorando para

que os cientistas encontrem a vacina que proteja a população contra o risco iminente. A ciência que vem sendo diuturnamente desacreditada por boa parte dos poderes constituídos espalhados pelo planeta, fica muito desaparelhada na hora de alcançar resultados rápidos. Reparem que os países que alcançaram os melhores resultados foram aqueles que possuíam uma outra estrutura de organização interna. No caso da China, por exemplo, ela pode unir uma cultura de grande disciplina a um espírito pré-existente de cooperação, traduzido entre os chineses pela expressão “guanxi”.

Em primeiro lugar, sendo informal, a rede “guanxi” também deve ser sustentável. Em algum momento do futuro aquele que é ajudado retribuirá de uma forma que nenhuma das partes pode antever, embora ambas saibam que deverá ocorrer. “Guanxi” é um tipo de relacionamento que passa de geração em geração. Pelos padrões de um contrato ocidental, esse tipo de expectativa vaga não tem qualquer realidade; para o estudante, o funcionário governamental ou o empresário chinês, a expectativa em si mesma é sólida, pois os integrantes da rede punem ou desprezam aqueles que venham mais tarde a se mostrar indiferentes. Para nós, é uma questão de fazer com que as pessoas respondam no futuro por seus atos presentes. (SENNETT, 2012, p. 166)

Independente de qualquer julgamento que possamos fazer da China contemporânea, uma coisa é certa, eles construíram um universo de práticas capitalistas que se difere em muito do contexto ocidental e conseguiram manter hábitos de cooperação que se consolidaram desde sua experiência comunista. Costumes que foram desenvolvidos desde a fase da educação infantil. A criança chinesa se acostumou a perceber que o outro é uma entidade fundamental para a sua própria sobrevivência. O espírito de coletividade está, até hoje, bem entranhado na cultura chinesa e o “guanxi” é uma prova disso. Na hora de combater um vírus tão poderoso quanto o Covid 19 essa rede de cooperação faz uma enorme diferença, associada, é claro, a um Estado que cumpre a sua parte de atendimento tecno-médico.

No Brasil pudemos perceber um fenômeno impressionante como resultado do esforço da população em garantir proteção junto à própria comunidade por parcial ou total negligência das autoridades nessas áreas urbanas chamadas erroneamente de periféricas. Estou me referindo ao movimento que cresceu nas favelas a partir de estruturas já

preexistentes como a CUFA (Central Única das Favelas). A precariedade social e os riscos iminentes da população dessas áreas induziu suas lideranças a iniciarem um movimento que culminou em uma espécie de autogoverno, com a elaboração de um mapeamento do local e a distribuição do território em frações também comandadas por líderes responsáveis em levantar problemas e encontrar as possíveis soluções, como cestas básicas para os mais carentes, encaminhar aos postos de saúde os casos suspeitos de contrair o vírus; e tudo isso garantido por uma rede de internet que mantinha um contato permanente com todos. Nós sabemos que as favelas sempre tiveram um compromisso maior com as atividades de cooperação social do que o restante do território urbano, mas não podemos esquecer que em uma situação de pandemia essas são as áreas mais vulneráveis e propensas a propagação do vírus. Com uma educação contemporânea altamente voltada para o individualismo e o espírito de competição, as favelas parecem representar a experiência social brasileira que mais se aproxima do “guanxi” chinês. Ao mesmo tempo verificamos que o uso adequado da internet significa a possibilidade de firmar a tessitura necessária para garantir que todos estejam dentro do processo, ou seja, que não haja excluídos. A importância de garantir uma rede livre é nesses casos um fator substancial para a sobrevivência de qualquer projeto popular.

Para a maior parte das pessoas das novas gerações, a defesa do livre acesso às redes de internet se tornou uma prioridade acima de qualquer outra demanda, uma vez que a livre comunicação é pré-requisito para suas práticas e experiências mais importantes, da música à política, do empreendedorismo à interação emocional. (CASTELLS, 2015, p. 31)

Sabemos que uma rede tão eficiente não se estabelece de uma hora para outra, mas as lideranças tem procurado se aproximar desse padrão e pela leitura de suas declarações fica muito claro que em seu conjunto eles acreditam que a comunicação necessita ser melhorada para garantir um melhor desempenho das ações no interior das favelas. O que fica como resultado de todo esse esforço é que a organização desses bairros está se fortalecendo muito durante o combate à pandemia e essa estrutura aponta para um caminho que parece não conhecer volta, o que significa um aprimoramento das relações sociais nessas favelas que mesmo depois da passagem do vírus continuará seu trabalho de organização social e defesa dos direitos de seus moradores. E isto inclui um processo de adensamento do uso da internet com um propósito de verdadeira inclusão social,

em que as lideranças possam garantir a criação de sites próprios que façam as vezes das antigas rádios comunitárias, só que com muito mais eficiência, porque todos poderão usar o vértice horizontal da rede que, em sua mão dupla, permite a participação de todos e todas como agentes ativos do processo.

Nesse ponto deste ensaio eu quero refletir sobre a fala do Freud na citação de Pankaj Mishra. É sempre muito doloroso para o nosso narcisismo desenvolvido nessa modernidade que remonta aos gênios renascentistas, encarar essa afirmação freudiana. Nossos “impulsos primitivos”? O quão atávica é essa nossa pernicioso herança? O cogito cartesiano não afastou de vez os últimos resquícios de nossa animalidade? Ou continuamos atraídos pelos mesmos impulsos paleolíticos? E esse animal que escondemos sob uma capa tosca de civilidade, é sempre um sujeito cruel e desumano? Ou ainda a pós-modernidade estará fazendo uma tentativa de recuperação dessa nossa natureza empurrada para o subterrâneo da nossa existência?

Pensar em como encaramos nossa animalidade pode ser um excelente exercício para enxergarmos sob uma nova perspectiva as nossas relações com o Covid 19 ou qualquer outras formas virais. Se nos afastamos tanto de nossa própria natureza fica muito difícil aceitar que um vírus desse porte tenha tanta força, afinal o que somos hoje exatamente? De forma bem simplificada poderíamos dizer que nossa superioridade reside em nosso poder tecnológico, mas como fica essa vaidade narcísica diante desse rolo compressor enviado pela mesma natureza a que negamos, enfaticamente, pertencer? Insisto em que a aceitação de nossa animalidade é um primeiro passo para encarmos mais de frente tanto esse como qualquer outro vírus que tenhamos de enfrentar. A própria ciência pode ter um melhor desempenho diante de uma pandemia como essa na medida em que os cientistas se sintam parte dessa mesma natureza que produziu essa onda viral. E, de fato, alguns pesquisadores já entendem seu trabalho a partir dessa perspectiva. É claro que eu não tenho nenhum trabalho de campo para fazer qualquer afirmação imprudente neste momento, mas arrisco uma hipótese de que os melhores resultados devem estar brotando das equipes que se sentem parte dessa mesma natureza que é seu objeto de estudo.

Por outro lado quando recuperamos nosso estado de natureza e aceitamos nossa animalidade implícita nesse processo, estamos dando um passo importante na direção de construirmos uma verdadeira alteridade, reconhecendo o outro não mais como um “inferno”, mas como um aliado permanente no desenvolvimento de uma verdadeira vida social, mais humana e igualitária. Vale lembrar que a natureza nunca brigou contra seu estado de pura diversidade e ao nos encarmos como parte dela estaremos aceitando o outro com o conjunto de suas diferenças.

O ponto nodal de estar nesse mundo (mundanidade) e portanto, de aproveitar (festividade), é, a partir de então, o *deslocamento do eu*. Com efeito, contra o egocentrismo, alfa e ômega do pensamento e da ação modernos, é um “altercentrismo” que, progressivamente, se coloca no lugar. A alteridade serve de pivô à constituição e às representações do mundo social. (MAFFESOLI, 2014, p. 215)

Desta atual crise, especialmente, esperamos extrair algumas lições que possam modificar aspectos do nosso ethos, pathos e logos. E uma dessas lições eu espero que possa ser, de fato, uma nova forma de encararmos o outro e passarmos a um verdadeiro “altercentrismo”. E vejo nessa atitude, não um exagerado senso de otimismo, mas uma necessidade extrema de sobrevivência da humanidade. A questão ecológica só poderá ser resolvida quando alterarmos o nosso ethos e sairmos de nosso casulo de prepotência existencial para nos percebermos como parte dessa natureza da qual faz parte também todos os outros seres humanos. As demonstrações de organização das favelas para buscar minimizar os problemas dessas sofridas áreas urbanas são uma demonstração tácita do desenvolvimento desse espírito de solidariedade que serve de base à necessária alteridade contemporânea.

Uma atitude nova que tem ganhado muita força nesse período de quarentena tem sido o esforço de artistas em criarem momentos culturais com horário marcado para exibirem em alguma plataforma da internet shows musicais, teatrais ou declamação de poesias (sarau digital). Se essa medida tem por objetivo oferecer momentos prazerosos para todos que estão aquartelados em casa, ela contribui também para conhecermos melhor nossos artistas e criarmos um novo espaço para a difusão da cultura através da web. Um belo exemplo dessa iniciativa foi o “Festival #Eu fico em casa” que reuniu 78 artistas de 17 a 22 de março, em seis dias de muita música e conseguiu mais de dois milhões de audiência e se utilizando, como plataforma, do Facebook. A arte tem um papel fundamental em toda essa busca por um novo momento para nosso planeta. A arte é em si mesma pura alteridade e quando esse fenômeno não acontece é porque em alguma parte do processo de produção cultural algo se rompeu para atender interesses alheios ao papel precípua da própria arte.

Não é uma questão da arte usurpando a vida social, mas da arte indicando um refinamento da vida ao qual a sociedade ela mesma deveria aspirar. A arte define para quem vivemos, mas não é para a arte que vivemos. A questão, assim, está ao mesmo tempo aberta e fechada: quão generoso é ver a arte a serviço da vida, e quão paroquial imaginar que a arte sozinha define para quem vale a pena viver. (EAGLETON, 2011, p. 96)

Essa mesma arte, hoje, tem a oportunidade de se fazer conhecer por grupos cada vez maiores ao se utilizar, por diversos meios e recursos, da rede digital, enfatizando o seu caráter ubíquo; ao mesmo tempo, a dimensão horizontal da circulação em rede permite que a arte possa caminhar em todas as direções, como em um rizoma, difundindo assim, não apenas a produção considerada apanágio das elites, mas constatamos também a presença crescente de manifestações artísticas geradas por artistas atuantes em bairros considerados de periferia.

Ao término dessa crise pandêmica existe uma expectativa de que o mundo possa se olhar de uma nova forma, mais afinada com a natureza. Muitos preveem o retorno de uma democracia que atenda realmente o conjunto da população mundial e não apenas o um por cento mais rico. Sonhar com um mundo em que predomine o espírito de alteridade sobre o egocentrismo que pautou a maior parte da nossa história recente, é um direito de todos nós, cidadãos deste planeta. E sem dúvida o mundo em rede tem um papel fundamental no despertar dessa nova consciência. Novamente com Castells: “O legado dos movimentos sociais em rede terá sido afirmar a possibilidade de reaprender a conviver. Na verdadeira democracia.” (CASTELLS, 2013, p. 177)

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

APPADURAI, Arjun (et al.). **A grande regressão: um debate internacional sobre os novos populismos – e como enfrenta-los**. São Paulo: Estação Liberdade, 2019, ps. 175/176.

CASTELLS, Manuel. **O poder da comunicação**. São Paulo: Paz&Terra, 2015.

\_\_\_\_\_. **Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet**, Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

EAGLETON, Terry.. **A ideia de cultura**. São Paulo: Editora Unesp, 2011..

MAFFESOLI, Michel. **Homo Eroticus**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.

SENNETT, Richard. **Juntos: os rituais, os prazeres e a política da cooperação**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2012.

## REFERÊNCIA DIGITAL

Depoimento do líder da favela paulista do Paraisópolis, acessado em 23/03/2020:



## SOBRE O AUTOR:

Aureo Guilherme Mendonça é graduado em História pela UFF e em Pedagogia pela UGB. Possui Doutorado em Literatura Comparada pelo curso de Letras da UFRJ e Pós-doutorado pelo Programa de Pós graduação da UFRJ: HCTE (História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia), na área de Teoria Psicopolítica . Atualmente é Professor Associado do curso de Produção Cultural do Pólo Universitário de Rio das Ostras/UFF,



atuando na área de Teoria e Crítica de arte. Criou em 2011 o GEPAT (Grupo de Ensino e Pesquisa em Arte e Tecnologia) onde vem trabalhando com projetos que tratam da questão da inclusão digital em escolas públicas da região.